

**EDUCAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
REFLEXÕES SOBRE O UNIVERSO DE *STAR WARS* PARODIADO PELA TURMA
DA MÔNICA E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

EDUCATION AND COMICS

Reflections about the Star Wars universe parodied by Turma da Mônica and its possibilities in teaching and learning

Rafael José Bona¹
Laura Seligman²

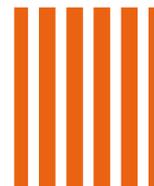
RESUMO: As narrativas parodiadas, oriundas de diferentes contextos, provocam sentidos dos mais diversos que podem se tornar importantes ferramentas de educar. Seja por textos adaptados de narrativas literárias, ou até mesmo de obras filmicas, as paródias podem despertar, principalmente nas crianças, o incentivo para leitura de contextos exteriores a obra consumida. O presente trabalho tem por objetivo analisar as paródias dos filmes *Star Wars* feitas pelos quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, e verificar suas potencialidades educativas. Os objetos de estudo aqui mencionados se referem às histórias *Coelhadas nas estrelas* (1997), *O Feio contra-ataca* (2008) e *O retorno de Jedito* (2010) paródias dos filmes clássicos de *Star Wars* (1977-1983). A pesquisa é documental e descritiva e analisa os quadrinhos sob os vieses da intertextualidade, da autorreferência e de possibilidades educativas. Como resultado, constatou-se que os quadrinhos oriundos de filmes cinematográficos podem se tornar uma rica fonte nos processos educativos ao ter em vista que eles podem ser trabalhados em sala de aula sem problemas relacionados a faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Quadrinhos, Cinema, *Star Wars*, Turma da Mônica.

ABSTRACT: The parodied narratives, coming from different contexts, provoke the most diverse meanings that can become important educational tools. Whether by texts adapted from literary narratives, or even from the movies, parodies can awaken, especially in children, the incentive to read contexts outside the original text. The present article aims to analyze the parodies of *Star Wars* films made on *Turma da Mônica* comics, by Mauricio de Sousa, and to verify their educational potential. The objects of study mentioned here refer to the stories *Coelhadas nas estrelas* (1997), *O Feio contra-ataca* (2008) and *O retorno de Jedito* (2010) parody of the classic *Star Wars* films (1977-1983). The research is documentary and descriptive and analyzes the comics under the bias of intertextuality, self-reference, and educational possibilities. As a result, it was found that comics

¹ Doutor em Comunicação e Linguagens (UTP) e mestre em Educação (Furb). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/Furb) e dos cursos de graduação da Furb e da Univali. Líder do grupo de pesquisa Comunicação e Educação Midiática (Furb/CNPq). E-mail: bona.professor@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Linguagens (UTP), mestra em Educação (Univali). Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: laura.s@ufms.br



from cinematographic films can become a rich source in educational processes, considering that they can be worked in the classroom without age-related problems.

KEYWORDS: Education, Comics, Cinema, *Star Wars*, Turma da Mônica.

1. INTRODUÇÃO

A paródia é um gênero literário que, inevitavelmente, é envolvido com o humor e o riso pois é um dos principais estilos utilizados para se fazer e produzir a comicidade. Ela é uma relação intertextual pois deriva de outro texto. Ao conceituar a paródia, Hutcheon (1985) esclarece que devido às muitas escolas e correntes teóricas de diferentes épocas e lugares, é complexa a integração de um possível modelo genérico. A paródia não se refere a algum fenômeno novo (está presente nas mais diversas artes desde a Antiguidade) e começou a se tornar menos conservadora a partir do século XX, principalmente pela proliferação dos meios de comunicação. A esse cenário, a autora começou a intitular o termo paródia moderna, que seria a paródia da contemporaneidade. “A paródia é [...] um dos modos maiores da construção formal e temática de textos. E, para além disto, tem uma função hermenêutica com implicações simultaneamente culturais e ideológicas” (HUTCHEON, 1985, p. 13). Em outro momento, Hutcheon (2013, p. 226) argumenta que a paródia, “de fato, é uma subdivisão irônica da adaptação, quer envolva mudança de mídia ou não”.

As narrativas parodiadas, oriundas de diferentes contextos, provocam sentidos dos mais diversos que podem se tornar importantes ferramentas de educar. Seja por textos adaptados de narrativas literárias, ou até mesmo de obras fílmicas, as paródias podem despertar, principalmente nas crianças, o incentivo para a leitura de contextos exteriores à obra consumida. Com a atual era transmídia (JENKINS, 2022), possibilitada pela atualização e a transição das novas tecnologias, nas quais os professores e alunos podem conhecer mais conteúdo por meio da expansão do que é ensinado em sala de aula, os quadrinhos têm se tornado importante ferramenta no processo de ensinar e aprender com o uso de dispositivos móveis.

Foi dentro desse cenário que surgiu o presente artigo que tem por objetivo analisar as paródias dos filmes *Star Wars* feitas pelos quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, e verificar suas potencialidades educativas. Parte-se do pressuposto que as referidas histórias em quadrinhos podem despertar possibilidades na Educação em diferentes níveis, principalmente nas crianças, por despertar o interesse no universo fílmico e possibilitar os primeiros contatos, por meio da paródia, com uma narrativa educacional externa ao universo gráfico. O objeto de estudo

aqui mencionado se refere às histórias *Coelhadas nas estrelas* (1997), *O Feio contra-ataca* (2008) e *O retorno de Jedito* (2010), todos pertencentes à coleção *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* e parodiam os filmes da trilogia clássica de *Star Wars* (1977-1983) composta pelos filmes *Star Wars – Episódio IV: uma nova esperança* (1977, George Lucas), *Star Wars – Episódio V: o império contra-ataca* (1980, Irvin Kershner) e *Star Wars – Episódio VI: o retorno de Jedi* (1983, Richard Marquand). A presente pesquisa é documental e descritiva, de abordagem qualitativa.

O artigo se divide na presente *Introdução*, seguido por uma revisão de literatura dividida em duas seções, uma acerca de *Histórias em quadrinhos e Educação* e outra sobre *Paródia: um jogo de intertextos*. Na sequência, apresenta-se *Coelhadas nas estrelas: intertextos e subsídios educativos* na qual são apresentados os procedimentos e a análise dos objetos. E, na sequência, as *Considerações finais*.

2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

Em uma pesquisa aplicada com professores da Educação Básica, Luiz e Castro (2020) perceberam que ainda há um certo preconceito pelos professores para o uso de histórias em quadrinhos na sala de aula. Por vezes, esse preconceito está relacionado ao desconhecimento das narrativas gráficas enquanto expressão artística, considerando os quadrinhos um gênero de menor importância. Da mesma forma, os autores argumentam que há a necessidade de desenvolver mais estratégias junto aos professores para estimular o uso das HQs de forma mais efetiva, para que não haja resistência por parte deles a esse gênero que possui grande valor educacional.

A partir de uma pesquisa sobre a produção acadêmica acerca das histórias em quadrinhos e Educação, na base do *SciELO Brasil*, Moraes e Araújo (2022) constatam que os autores discutem sobre a linguagem das narrativas gráficas como importante recurso didático e pedagógico, independentemente de qualquer nível educacional. Foi percebido também que boa parte dos estudos está em diferentes áreas do conhecimento, desde a Administração à Saúde, configurando-se como uma linguagem híbrida que proporciona troca de experiências no processo educativo.

Os quadrinhos, de acordo com Almeida e Sousa (2022), reforçam diferentes propostas que contribuem para a formação dos estudantes no sentido de ensinar valores e o exercício da cidadania. Ao fazer releituras, transformar textos, construir histórias ou abordar temáticas de forma mais lúdicas, os quadrinhos se tornam uma ferramenta essencial no contexto escolar. Os autores ainda complementam sobre o papel do professor que:

como mediador desse processo, deve buscar novos conhecimentos a cada dia, aprimorando sua prática, de modo a proporcionar-lhes diferentes oportunidades educativas, que os estimulem a refletir, a criar e discutir diversas temáticas e conteúdos no espaço escolar” (ALMEIDA; SOUSA, 2022, p. 21).

Com o intuito de identificar o efeito das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados como material educacional num curso de Estudos Sociais, Sentürk e Simsek (2021), por meio de uma pesquisa fenomenológica com Análise de Conteúdo aplicada com estudantes da 6ª série, consideram que os alunos encaram tanto as histórias em quadrinhos quanto os desenhos como materiais muito eficazes para a realização de atividades educativas em diferentes aspectos. Os resultados mostraram que esses materiais (HQs e desenhos animados) podem ser utilizados pelos docentes para uma educação efetiva nos Estudos Sociais.

Ao apresentar os resultados de um projeto com duração de um ano, no qual houve análise e reflexão sobre o uso de histórias em quadrinhos na escola, Koutníková (2017) apresenta um estudo no qual se aborda o uso de histórias em quadrinhos que auxiliam crianças pré-alfabetizadas a compreenderem determinados fenômenos físicos. Esse estudo observava a mudança da percepção das crianças acerca dos fenômenos a partir do uso de HQs e mapas conceituais. Como resultado, a autora percebeu que as HQs são uma estratégia educacional contemporânea que têm ganhado notoriedade e popularidade, principalmente no ensino sobre o estudo de fenômenos naturais. As HQs podem ser úteis para tornar os conteúdos da aula mais interessantes e compreensíveis para uma criança em idade pré-escolar.

3. PARÓDIA: UM JOGO DE INTERTEXTOS

A paródia não deve ser entendida apenas como a ridicularização imitada de um texto, como é tratada na maioria dos dicionários. Ela é uma lição de arte moderna em que há a autorreferência, uma apropriação de um texto de forma irônica, sem estar relacionada ao sentido jocoso ou do desdenho ridículo. Hutcheon (1985, p. 17) ressalva que é “uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica (*sic*), nem sempre às custas do texto parodiado. [...] A paródia é, noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança”.

Faz parte de um movimento de afastamento da tendência, dentro de uma ideologia romântica, para mascarar quaisquer fontes com uma astuta canibalização, e em direção a um franco reconhecimento (por meio da incorporação) que permite o comentário irônico (*sic*). (HUTCHEON, 1985, p. 20).

Sobre as questões de imitação nos textos literários, Genette (2010) argumenta que para imitar algo é necessário ter um domínio parcial do que está sendo imitado, ou seja, ser conhecedor dos estilos e traços que pretende imitar. A paródia é um dos gêneros literários que mais utiliza a imitação como uma transformação textual indireta, não se limita apenas a uma transferência da prática literária, ela está mais evidente nas artes visuais com frequência, preeminência e sofisticação. Vai se adaptando às novas formas de artes, principalmente às que foram criadas a partir do século XX. É preciso “alargar o conceito de paródia, para ajustar às necessidades de arte do nosso século – uma arte que implica um outro conceito, algo diferente da apropriação textual” (HUTCHEON, 1985, p. 22).

É possível também ser cunhado o termo transcontextualização paródica, que é uma forma de incorporar, literalmente, reproduções na nova obra que se cria, ou de refazer alguns elementos formais. Isso pode acontecer no cinema, na literatura e em diversas artes. É uma espécie de diálogo com o passado, tendo um código duplo ou paródico. Faz com que obras do passado tornem-se modelos estéticos e, nessas novas obras criadas, com certa frequência tem-se a finalidade de fazer uma sátira de costumes ou determinadas práticas da contemporaneidade (HUTCHEON, 1985).

A paródia pode ser comparada, segundo Propp (1992), a uma tautologia e está sempre atrelada aos procedimentos do exagero. A partir de Bóriev, Propp define-a como um exagero cômico, uma imitação de proporção exagerada de algumas peculiaridades e características de algum conteúdo. Ela sempre contém algum exagero, característica típica da caricatura, mas no contexto paródico abarcam-se peculiaridades individuais. Se define por gestos, imitações da fonte original que é parodiada.

Sant’Anna (1988), a partir de Shipley (1972), argumenta que as paródias possuem três tipologias básicas: 1) a verbal: quando se fazem alterações de palavras no texto; 2) a formal: estilo e efeitos técnicos de uma obra são utilizados com zombaria; 3) a temática: quando se faz a caricatura da forma ou espírito de uma obra.

A paródia define-se por um jogo de intertextos que deforma o texto original e está sempre interrelacionada ao lado da paráfrase, da estilização – e, por ocasiões, correlacionada à apropriação – muitas vezes confundidas por suas características bastantes parecidas. A paráfrase, por si só, possui um sentido diversificado no qual reafirmam-se palavras diferentes com o mesmo sentido da obra escrita (SANT’ANNA, 1988).

Do lado da ideologia dominante, a paráfrase é uma continuidade. Do lado da contra-ideologia, a paródia é uma descontinuidade. Assim como um texto não pode existir fora das ambivalências paradigmáticas e sintagmáticas, paráfrase e paródia se tocam num efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças. Falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças (SANT'ANNA, 1988, p. 28).

O discurso da paródia é variado – é possível parodiar estilos de outro texto, assim como “a maneira social ou caracterológica e individual de ver, pensar e falar” (FIKER, 2000, p. 98). Ela está atrelada a coisas menos profundas como expressões verbais superficiais, ou a características mais íntimas do discurso alheio. O próprio termo *paródia*, de origem grega, tem o significado de canto paralelo (*para* = ao lado de; *odos* = canto), não há nenhuma direção para efeitos cômicos ou ridicularização. Sua direção é para “comparação” ou “contraste” da obra.

Para Bakhtin (2003), a paródia sempre tem um discurso duplo que se orienta pelos modos de carnavalização artística. Ela faz apropriações discursivas já existentes e a partir disso, introduz um novo discurso oposto ao original. “A paródia adapta-se particularmente bem às necessidades dos oprimidos e impotentes, precisamente porque *assume* a força do discurso dominante só para aplicar essa força [...] *contra* a dominação” (STAM, 1992, p. 54).

O riso paródico é sempre um riso que possui várias vozes culturais componentes do texto, a que se pode chamar também de riso carnavalizante. Para Soares (2000, p. 73), esse tipo de riso “foge ao controle do poder vigente, ideológico e literário, adquirindo um vigor denunciatório e anti-ilusionista, questionando valores tradicionais e evidenciando a literariedade da literatura”. Ele pode ser transmitido de forma satírica ou irônica. O texto paródico permite “a utilização de cortes, de montagens e do estilo telegráfico, que agilizam a participação do leitor, desenvolvendo-lhe uma consciência crítica” (SOARES, 2000, p. 73). A paródia sempre foi possível não somente à literatura ou aos textos audiovisuais, mas à sociedade em geral, por vezes, de forma antropofágica. É um encontro com diversos cenários em que são tratados de forma cômica, irônica, crítica ou até mesmo no sentido de experimentalismo das representações.

A paródia, frequentemente, é confundida com o pastiche ou com o travestimento burlesco, com a farsa, com o plágio, com a citação, a alusão e, por vezes, a sátira. A paródia é mais caracterizada pela questão de ser um texto sobreposto que aborda o antigo com o novo pois depende de fatores como o codificador (o autor) e o decodificador (o público que acompanha a obra), levando a um cenário metafórico. Porém, se o decodificador não reparar essa bitextualidade

que direciona a uma alusão ou citação, ele se limitará a uma naturalização na qual adapta-se o contexto da obra em seu todo (HUTCHEON, 1985). Souza (2005, p. 319), a partir de textos de Bakhtin e Benjamin, conceitua a citação como “uma forma de recuperar, sempre, em um novo texto, a verdade contida na palavra alheia”. E citação pode ser considerada um diálogo que faz a conversão de ideias e pode provocar novas configurações.

Da paródia, como da ironia, pode, pois, dizer-se que requerem um certo conjunto de valores institucionalizados – tanto estéticos (genéricos), como sociais (ideológicos) – para ser compreendida ou até para existir. [...] Ao codificar parodicamente um texto, os produtores devem pressupor tanto um conjunto de códigos cultural e linguístico comum, como a familiaridade do leitor com o texto parodiado (HUTCHEON, 1985, p. 120).

Algumas questões legais sempre são questionadas em relação à paródia, ao contrário da adaptação de uma obra. “As paródias têm acesso legal a um argumento adicional que as adaptações como adaptações não podem de fato utilizar: o direito de comentar criticamente uma obra anterior” (HUTCHEON, 2013, p. 130). Muitos autores que se apropriam de obras alheias de forma irregular acabam utilizando judicialmente o argumento de proposta crítica por meio da paródia.

Um caso comentado por Jenkins (2022), é o videoclipe *Come what may* (2001), de Diane Williams, que se apropria de imagens do filme *Star Wars – Episódio I: a ameaça fantasma* (1999, George Lucas) e é embalado por uma música do filme *Moulin Rouge – amor em vermelho* (2001, Baz Luhrmann). Se é considerado uma paródia, trata-se de uma questão de interpretação. A maioria dos fãs faz referência ao videoclipe como um melodrama e não a algo satírico: “*Come what may* talvez represente uma paródia, o que não exige que o trabalho seja cômico, mas apenas que seja adequado e transforme o original para fins de comentário crítico” (JENKINS, 2022, p. 219).

4. COELHADAS NAS ESTRELAS: INTERTEXTOS E SUBSÍDIOS EDUCATIVOS

A presente pesquisa se classifica como documental e descritiva. Sua abordagem é a qualitativa. Tem como objeto as histórias *Coelhadas nas estrelas* (1997), *O Feio contra-ataca* (2008) e *O retorno de Jedito* (2010), da Turma da Mônica (Maurício de Sousa), que fazem paródias dos filmes *Star Wars – Episódio IV: uma nova esperança* (1977, George Lucas), *Star Wars – Episódio V: o império contra-ataca* (1980, Irvin Kershner) e *Star Wars – Episódio VI: o retorno de Jedi* (1983, Richard Marquand). Após leitura e estudo das três histórias em quadrinhos e reassistir aos filmes duas vezes cada um, foram tecidas reflexões sobre as paródias da Turma da Mônica e como essas podem ser

importantes na Educação, principalmente nos anos iniciais. As histórias foram analisadas a partir de três vieses: o intertextual, a autorreferência e as possibilidades educativas.

FIGURA 1: CAPAS DAS REVISTAS EM QUADRINHOS



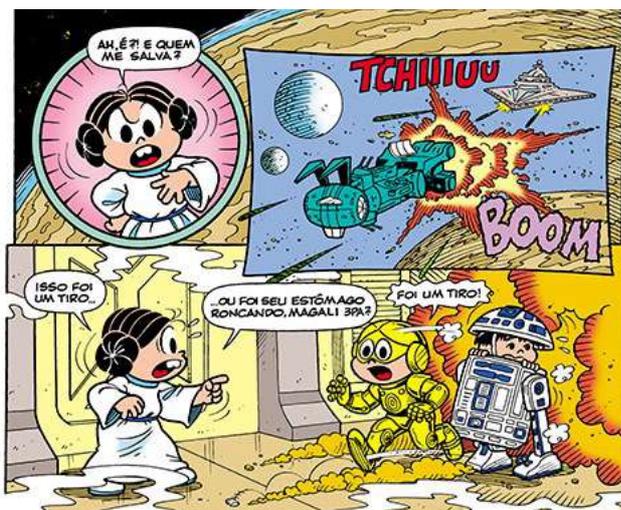
Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

O **nível intertextual** é o que mais se encontra presente nas narrativas analisadas. A partir dos conceitos de dialogismo e polifonia, propostos por Bakhtin, Kristeva (2012) conceitua o termo de intertextualidade, que se refere ao texto sempre como uma leitura dupla, como uma comunicação entre eles de forma intersubjetiva. Segundo a autora (id., p. 142) “em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla”.

Por meio da intertextualidade, é possível ter contato com diferentes textos, ou seja, com outras obras. O diálogo intertextual que as obras em quadrinhos *Coelhadas nas estrelas* fazem com o universo de *Star Wars* é constante por permitir que as paródias elaboradas possam despertar nos leitores o conhecimento das obras de George Lucas. As três histórias em quadrinhos fazem referências diretas aos filmes de origem, seja por meio de seus personagens ou por cenas alusivas. Cabe lembrar o pensamento de Hutcheon (2013), ao mencionar que todos os tipos de adaptações nada mais são do que obras passadas que se acontecem em novos contextos e o resultado é uma nova obra, ao mesmo tempo, híbrida. Kinder (1991) argumenta que a intertextualidade permite que as crianças tenham contato com obras externas e as educam para o mercado de consumo de obras, sejam fílmicas ou da literatura.

Encontramos esse recurso em trechos dos quadrinhos como a Figura 2, na qual pode-se ver as personagens da Turma da Mônica caracterizadas como as de *Star Wars*; na Figura 3, em que o robô do filme é caracterizado em uma lata de lixo, pertencente ao universo dos quadrinhos, do personagem Cascão; e, outro exemplo, em que Mônica e Cebolinha, amigos dos quadrinhos, são um casal do filme parodiado.

FIGURA 2: TRECHO DE COELHADAS NAS ESTRELAS



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica – Recorte dos autores*

FIGURA 3: TRECHO DE O FEIO CONTRA-ATACA



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica – Recorte dos autores*

Sobre a **autorreferência**, foi notado nos quadrinhos que a todo momento os personagens fazem referência aos próprios personagens dos quadrinhos da Turma da Mônica, ao adaptarem seus nomes para os nomes dos personagens de George Lucas. Na história, Mônica é Princesa Moniqueia (paródia da Princesa Leia), Cascão é Cascão Caiuóqui (Luke Skywalker), Cebolinha é Cebolinha Solo (Han Solo), Magali é Magali 3PA (C3PO), entre muitos outros. Para Hutcheon

(1985, p. 109), “a paródia é uma das técnicas de auto-referencialidade por meio das quais a arte revela a sua consciência da natureza do sentido como dependente do contexto, da importância da significação das circunstâncias que rodeiam qualquer elocução”.

Essas características estão presentes, por exemplo, em *O Feio contra-ataca*, na Figura 4, quando uma personagem dos quadrinhos se apresenta como tal; e ainda, na mesma história, quando Magali ainda é a esfomeada de sempre, a seguir na Figura 5.

FIGURA 4: TRECHO DE O FEIO CONTRA-ATACA



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

FIGURA 5: TRECHO DE O FEIO CONTRA-ATACA



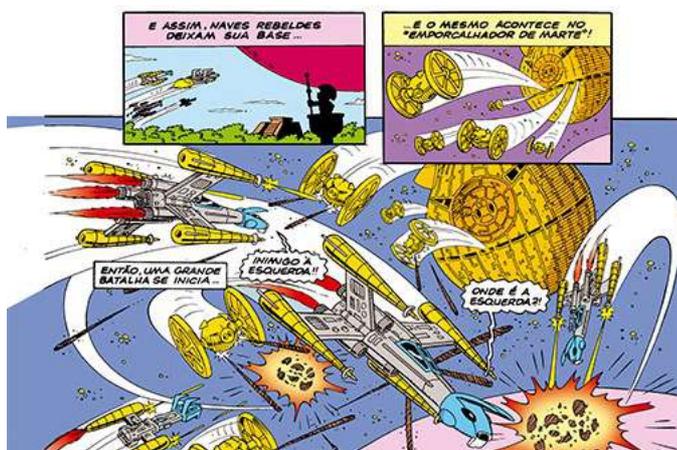
Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

As **possibilidades educativas** permitidas pelas três histórias são muitas e o professor pode sugerir que as histórias ou os filmes de origem sejam lidos/vistos anteriormente para se trabalhar em sala de aula. Ou, até mesmo, é possível desenvolver atividades sobre algumas cenas do filme que fazem diálogo com os quadrinhos, nas quais as crianças podem realizar desenhos, cartazes ou

até mesmo peças de teatro sobre a cena estudada. Uma sugestão prática é exibir um dos filmes ou apenas trechos dele para os estudantes. Isso deve ser planejado pelo professor – selecionar cenas ou até mesmo o filme completo, conforme a idade da turma permitir – para que ele tenha um amplo repertório de conhecimento da obra original. Em seguida, pode debater com os alunos discutindo algumas questões morais do filme. Na sequência, os alunos fariam a leitura da história em quadrinhos e estabeleceriam a relação dela com trechos do filme, buscando similaridades ou diferenças entre as histórias.

As práticas educativas são inúmeras, dependendo da idade, ano escolar e disciplina. Apontamos algumas possibilidades a efeito de exemplo. Na Figura 6, um ambiente de guerra estelar para aprender as noções de direita e esquerda; Na Figura 7, com os termos internet, holográfico etc.; E na Figura 8, quando pode-se abordar os estados da matéria em Ciências.

FIGURA 6 – TRECHO DE COELHADAS NAS ESTRELAS



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

FIGURA 7 – TRECHO DE O RETORNO DE JEDITO



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

FIGURA 8 – TRECHO DE *O FEIO CONTRA-ATACA*



Fonte: *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* – Recorte dos autores

Conforme Luiz e Castro (2020, p. 151), as adaptações literárias existem nas mais diferentes esferas (não só nos quadrinhos, mas, no cinema, no teatro etc.), todavia, “enquanto nesses outros gêneros, a adaptação tem a possibilidade de ser entendida como uma obra válida, independente daquela que a originou, nos quadrinhos as adaptações acabam sendo encaradas pelos professores como algo menor”. Antes de se utilizar os quadrinhos em sala de aula é importante que se faça um trabalho com o professor para desmistificar ou até mesmo romper preconceitos existentes perante o uso em sala de aula.

As histórias em quadrinhos, na esfera da Educação, ajudam a retratar cenários diferentes com suas histórias, beneficiando os estudantes na aprendizagem, inclusive para os que possuem alguma limitação ou dificuldade para aprender. É papel da escola incluir metodologias voltadas para

os estudantes com limitações no processo de aprendizagem e uma dessas práticas podem ser as histórias em quadrinhos enquanto recurso (MORAES; ARAÚJO, 2022).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um contexto que relaciona as histórias em quadrinhos e a Educação, o presente trabalho teve como objetivo analisar as paródias dos filmes *Star Wars*, universo criado por George Lucas, feitas pelos quadrinhos da Turma da Mônica, e verificar suas potencialidades educativas. Para atingir o resultado, as narrativas gráficas foram analisadas sob as perspectivas da intertextualidade, da autorreferência e de possibilidades educativas promovendo reflexões sobre o universo paródico.

Como principal resultado, constatou-se que os quadrinhos oriundos de filmes cinematográficos podem se tornar uma rica fonte, não só de entretenimento, mas dos processos de ensinar e aprender ao ter em vista que eles podem ser trabalhados em sala de aula sem problemas relacionados a faixa etária. *Coelhadas nas estrelas* (1997), *O Feio contra-ataca* (2008) e *O retorno de Jedito* (2010) lapidam situações que são direcionadas ao universo mais adulto nos filmes de origem e provocam novos sentidos para o público infantil. Trabalhar com elementos da intertextualidade – partes do filme, de forma alusiva ou direta –, com autorreferências, direcionadas totalmente ao universo dos personagens da Turma da Mônica e as possibilidades educativas, conferem aos quadrinhos de Mauricio de Sousa um potencial de ensino que permitem uma reflexão acerca das interfaces da comunicação e a educação; além disso possibilitam o comentário crítico das crianças a partir das paródias do universo fílmico.

Deixa-se como sugestão para novos estudos na área, uma análise aprofundada de outros quadrinhos de *Clássicos do Cinema – Turma da Mônica* que fazem paródias dos mais diversos contextos, principalmente do cinema mundial, que podem se tornar uma fonte de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio A.; SOUSA, Luciano D. A arte das histórias em quadrinhos na educação: uma experiência metodológica interdisciplinar. In.: **Educação, música e artes: contribuições e desafios no contexto escolar**. Ed. Científica Digital, v. 2, p. 11-22, 2022.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIKER, Raul. **Mito e paródia: entre a narrativa e o argumento**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2022.
- KINDER, Marsha. **Playing with power in movies, television, and video games: from Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles**. California (USA): University of California Press, Ltd, 1991.
- KOUTNÍKOVÁ, Marta. The application of comics in Science Education. **Acta Educationis Generalis**, v. 7, p. 88-98, 2017.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 3ª ed. rev. e aumentada. São Paulo: Perspectiva, [1969], 2012.
- LUIZ, Lucio; CASTRO, Monica R. Histórias em quadrinhos na educação básica: um estudo das representações sociais de professores. **REPI – Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 145-155, 2020.
- MORAES, Renata C. B.; ARAÚJO, Gustavo C. de. Produção científica sobre história em quadrinhos na Scielo (1997-2020): o que dizem as pesquisas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. L.], v. 4, p. e46763, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v.4.6763. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/6763>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ed. Ática, [1976] 1992.
- SANT'ANNA, Affonso R. **Paródia, paráfrase & cia**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- SENTÜRK, Mehmet; SIMSEK, Ufuk. Educational comics and educational cartoons as teaching material in the social studies course. **African Educational Research Journal**, v. 9(2), p. 515-525, may 2021.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- SOUZA, Solange J. Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 315-331.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.